

Cônsul na Beira regressa a Lisboa

DJ. 21/1/83



Portugal lamenta forma de actuação das autoridades moçambicanas

É esperado hoje (sexta-feira) em Lisboa o cônsul português na Beira, João Versteeg, acusado pelas autoridades moçambicanas de ter escondido em sua casa armamento de guerra. O diplomata, que vem conferenciar com o ministro dos Negócios Estrangeiros, deverá ser substituído de modo a ser rapidamente ultrapassado o incidente.

Os dirigentes do Maputo estão também a tentar esvaziá-lo tendo já chegado a Lisboa um seu representante, o director dos Serviços Jurídicos e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embaixador Isaac Murargy, portador de uma mensagem pessoal de Joaquim Chissano para o ministro Vasco Futecher Pereira.

Os responsáveis pela diplomacia portuguesa não querem, segundo informações colhidas

pel' «O Jornal», «fazer disto uma guerra», mas não aceitam que Moçambique tenha feito o que fez. Se a Frelimo não gostava da actuação de João Versteeg, fácil lhe era comunicá-lo a Lisboa e processar-se a sua substituição.

É opinião generalizada que o incidente teria surgido em consequência de atritos com o governador militar da Beira, coronel Armando Guebuza, tido

como pertencendo à ala radical da Frelimo.

As autoridades portuguesas lamentam a maneira como o assunto foi tratado, já que «existe diálogo suficiente entre as duas partes para não ser preciso fazer as coisas deste modo», consoante declarações ontem confiadas ao nosso jornal.

João Versteeg, um diplomata conceituado, que fora colocado na Beira há cerca de um ano, desempenhou as mesmas funções em Harare, ex-Salisbúria, capital do Zimbábue, assegurando, em condições difíceis, a representação diplomática portuguesa logo após a independência.

Entretanto, num comunicado distribuído a propósito, o

Ministério dos Negócios Estrangeiros confirma que o nosso cônsul na Beira «foi alvo de medidas restritivas da sua liberdade de movimentos, no seguimento de denúncias feitas às autoridades de Moçambique durante as investigações determinadas por actos de sabotagem que no fim de 1982 ocorreram na cidade da Beira».

Ao ter conhecimento «da situação, e na ausência do Maputo do presidente Samora Machel e do ministro Joaquim Chissano, o embaixador de Portugal na República Popular de Moçambique apresentou uma enérgica nota de protesto, exigindo o termo imediato das medidas tomadas contra João Versteeg».